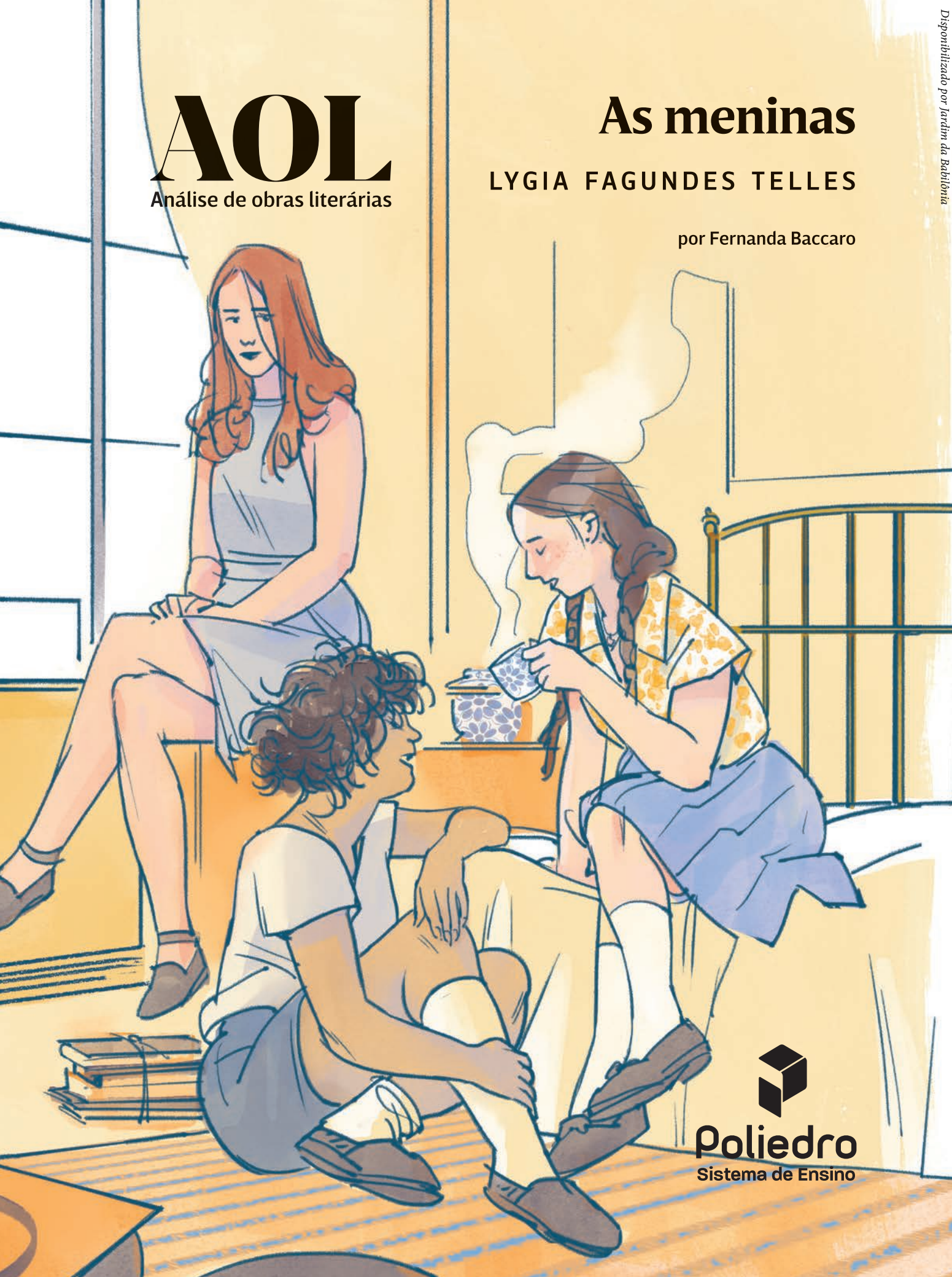
Disponibilizado por Jardim da Babilônia

AOL
Análise de obras literárias

As meninas

LYGIA FAGUNDES TELLES

por Fernanda Baccaro



Poliedro
Sistema de Ensino

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

Poliedro
Sistema de Ensino

COLEÇÃO AOL

Copyright © Poliedro Sistema de Ensino Ltda., 2025.

Todos os direitos de edição reservados ao Poliedro Sistema de Ensino Ltda. Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal, Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

ISBN 978-58-7901-955-5

Presidente: Nicolau Arbex Sarkis

Autoria: Fernanda Baccaro

Gerência editorial: Marcela Regina Silva de Pontes

Projeto editorial: Roberta Amendola

Coordenação de projeto editorial: Rogério Fernandes Salles

Edição de conteúdo: Cláudio Leyria e Tatiana Corrêa Pimenta

Coordenação de revisão: Renata Ultramari

Revisão: Ana Luísa Ruggieri, Camila Coutinho, Diego Carrera Guimil, Ellen Barros e Eric Luzzi

Coordenação de arte: Leonardo Carvalho

Ilustração: Olavo Costa

Coordenação de licenciamento e iconografia: Letícia Palaria de Castro Rocha

Analista de licenciamento: Izilda Monte Alto da Silva Canosa

O **Poliedro Sistema de Ensino Ltda**. pesquisou, junto às fontes apropriadas, a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as imagens presentes nesta obra didática. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos, colocamo-nos à disposição para avaliação e consequentes correção e inserção nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos no art. 28 da Lei nº 9.610/98.

Poliedro Sistema de Ensino
T. 12 3924-1616
sistemapoliedro.com.br

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

LYGIA FAGUNDES TELLES

As meninas

por Fernanda Baccaro

AOL
Análise de obras literárias

Poliedro
Sistema de Ensino

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

Quando o destino de três meninas se cruza em meio a um período conturbado da história do nosso país, uma forte amizade nasce. Lorena, Lia e Ana Clara são jovens muito diferentes entre si, mas que enfrentam o mesmo desafio: a descoberta de si mesmas. Ainda que essas personagens sejam fictícias, é possível encontrar meninas como as de Lygia Fagundes Telles por aí, no mundo real, que tentam, cada qual à sua maneira, lidar com suas angústias, seus medos, suas inseguranças e, sobretudo, seus sonhos da juventude. Convidamos você a embarcar nessa intrigante viagem pelo universo complexo de *As meninas*. Preparados?

Os trechos da obra reproduzidos nesta análise foram extraídos do livro:
As meninas, de Lygia Fagundes Telles. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

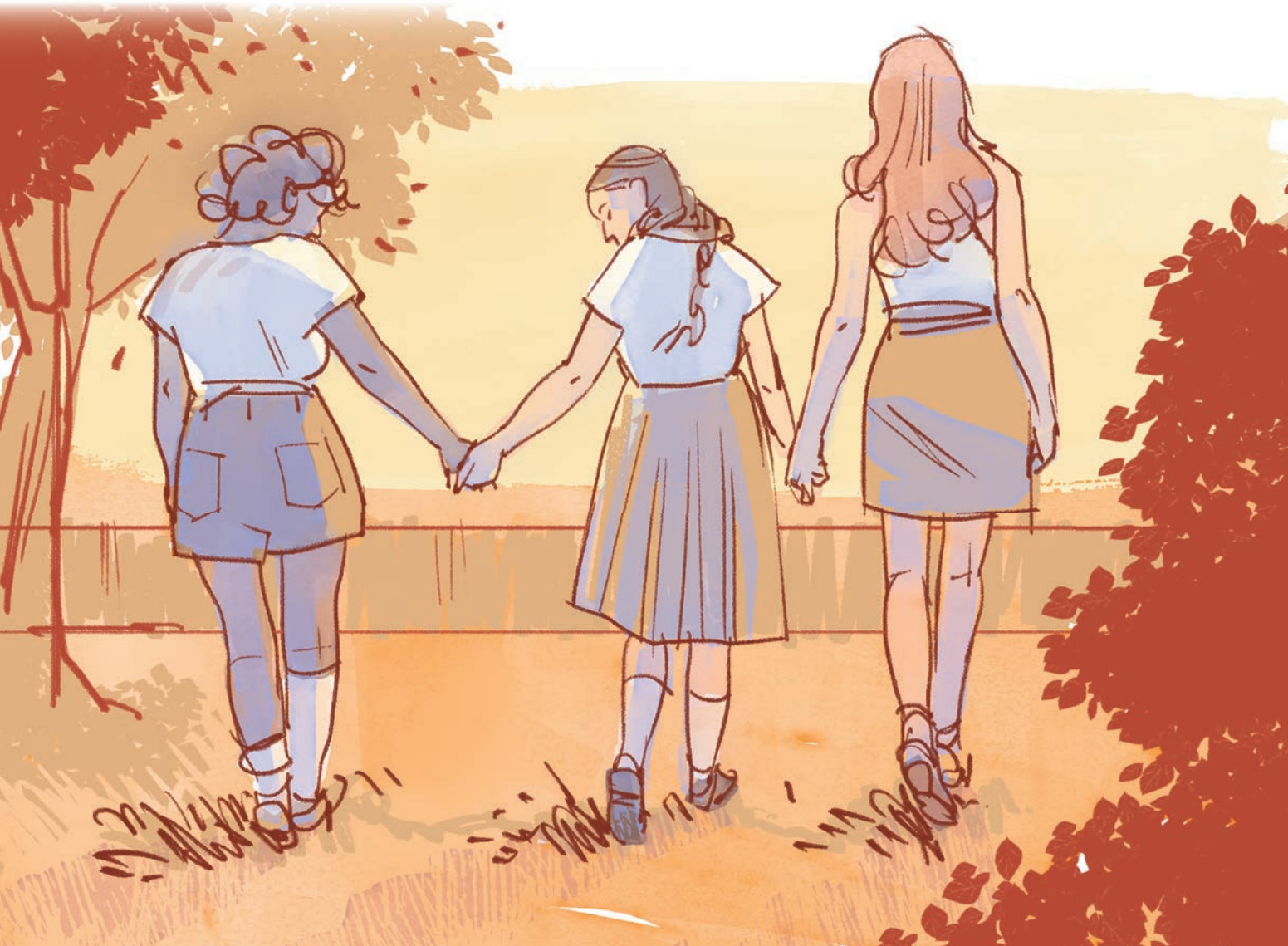
INTRODUÇÃO

As meninas, de Lygia Fagundes Telles, é considerada pela crítica especializada uma obra ousada à época de seu lançamento. A época é o início da década de 1970, momento em que o Brasil – sob um regime ditatorial – foi tomado pela censura, e a abordagem de temas que envolvessem sexo, drogas e política era terminantemente proibida. A obra merece destaque, ainda, por trazer pela primeira vez, de forma corajosa, o depoimento de tortura de um preso político.

Nesse romance de formação, a autora dá voz a Lorena, Lia e Ana Clara – jovens universitárias, protagonistas da trama – para escancarar esses e outros assuntos polêmicos em meio a uma sociedade dominada pela repressão.

Por meio do entrelaçamento das vozes dessas meninas, Lygia Fagundes Telles explora os sentimentos das jovens, evidenciando conflitos ligados à sexualidade, à política, a questões familiares, mas sem deixar de lado a esperança delas em dias melhores, livres de um contexto de repressão, e realizadas em seus sonhos pessoais.

Romance de formação: Tradução do termo *Bildungsroman*, em alemão. Pode ser brevemente definido como um subgênero literário que focaliza o processo de evolução de uma personagem, mostrando seu amadurecimento após experiências vividas em sua jornada.



Disponibilizado por Jardim da Babilônia

SOBRE A AUTORA

Breve biografia

A escritora ganhou o título de "a dama da Literatura Brasileira". Em 1985, foi eleita pela Academia Brasileira de Letras para ocupar a Cadeira nº 16, em sucessão a Pedro Calmon.

Eduardo Knapp/Folhapress

Lygia Fagundes da Silva Telles, aclamada escritora brasileira, recebeu prêmios importantes como Jabuti, Associação Paulista dos Críticos de Arte, Prêmio Camões e Prêmio Juca Pato.

Filha de um promotor público e de uma pianista, Lygia nasceu na cidade de São Paulo em 19 de abril de 1918. Frequentou os cursos de Direito e de Educação Física pela Universidade de São Paulo, período em que era assídua frequentadora de encontros literários, nos quais se tornou amiga dos modernistas Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Também nessa época colaborou com as publicações "Arcádia" e "XI de Agosto".

Conhecida como "a dama da Literatura Brasileira", a autora recebeu, em 1970, o Grande Prêmio Internacional Feminino para Estrangeiros, na França, por sua obra *Antes do baile verde*. O prêmio marca o início de sua consagração como escritora.

Anos mais tarde, em 24 de outubro de 1985, Lygia foi eleita pela Academia Brasileira de Letras (ABL) para ocupar a Cadeira nº 16, em sucessão a Pedro Calmon, tendo sido a terceira mulher a integrar esse importante espaço literário.

Em 2001, recebeu o título de "Doutora *Honoris Causa*" pela Universidade de Brasília (UnB).

Lygia Fagundes Telles morreu em 3 de abril de 2022, na cidade de São Paulo, aos 103 anos de idade. Seu corpo foi velado na Academia Brasileira de Letras. José Renato Nalini, em nome da ABL, manifestou-se assim em relação à grande autora:

> A mais notável personalidade da literatura brasileira, patriota e democrata, já era lenda em vida. Permanecerá no Panteão das glórias universais. A gigantesca e exuberante obra continuará a ser revisitada, enquanto houver leitor no mundo.

FARÁ FALTA a delicadeza e a elegância, diz Luiz Schwarcz sobre Lygia Fagundes Telles. *Folha de S.Paulo*, 3 abr. 2022. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/04/fara-falta-a-delicadeza-e-a-elegancia-diz-luiz-schwarcz-sobre-lygia-fagundes-telles.shtml. Acesso em: 30 abr. 2024.

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

A AUTORA E SEU PERÍODO

> Nós, para quem a liberdade de expressão é essencial, não podemos ser continuamente silenciados. O nosso amordaçamento há de equivaler ao silêncio do próprio Brasil e à sua inequívoca conversão em país que muito pouco terá a dizer brevemente.
>
> Trecho do "Manifesto dos Intelectuais", documento elaborado por Lygia Fagundes Telles, com apoio de importantes nomes de nossa literatura.
>
> HELAL FILHO, William. Lygia Fagundes Telles: um ato contra a censura e a "conspiração" que tentou derrubar avião da autora. *O Globo*, 5 abr. 2022. Disponível em: https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/lygia-fagundes-telles-um-ato-contra-censura-e-conspiracao-que-tentou-derrubar-seu-aviao.html. Acesso em: 30 abr. 2024.

Legítima representante da terceira geração modernista, Lygia Fagundes Telles explora, em suas obras, os conflitos do ser humano em sociedade, propiciando ao leitor, desse modo, uma reflexão sobre a vida moderna, notadamente observada sob o viés feminino.

O romance *As meninas* ilustra bem essa afirmação. Publicado durante a vigência da ditadura civil-militar, o livro narra a história de três jovens mulheres que rompem com o estereótipo feminino apresentado nas publicações da época. Ao tratar de assuntos como dependência de drogas, abusos sexuais, virgindade, participação de mulheres em movimentos políticos, Lygia descortina o universo feminino.

É interessante destacar que, na década de 1970, o divórcio ainda não existia; havia apenas a opção de "desquite", uma forma de separação do casal e de divisão de bens materiais que não rompia com o vínculo conjugal, impedindo, assim, a realização de novos casamentos. A mulher "desquitada" era malvista pela sociedade, e seus filhos eram frequentemente alvo de preconceito, sendo apenas aceito o "modelo tradicional" de família.

Além disso, a virgindade era um tabu, uma espécie de mercadoria que agregava valor à jovem que se mantivesse sexualmente intocada até o casamento.

É evidente que as "meninas" de Lygia não se enquadram nesses padrões.

Outro mérito da autora é ter tido a coragem de expor, ao longo das páginas do livro, o depoimento de um preso político acerca de uma sessão de tortura que sofrera, prática frequente nos anos 1970.

Para além da ficção, Lygia Fagundes Telles esteve à frente, em 1977 (durante o governo do presidente Ernesto Geisel), da elaboração de um documento que se tornou conhecido como "Manifesto dos Intelectuais", um abaixo-assinado que reunia mais de mil assinaturas – entre as quais as de Carlos Drummond de Andrade, Antonio Candido e Jorge Amado – contra a censura praticada no país. Com outros escritores de renome, como Nélida Pinõn e Jefferson Ribeiro de Andrade, Lygia deslocou-se a Brasília para entregar o documento a Armando Falcão, o Ministro da Justiça em exercício.

Além do apuro literário dos textos escritos por Lygia Fagundes Telles, são de grande valor as aproximações da sua produção com o cenário político que se instalou no Brasil nos anos de chumbo, prova incontestável de seu engajamento político contra a censura vigente.

DICA PARA O VESTIBULAR

Ao estudar as obras que se enquadram no período do pós-modernismo, como essa, atente à fragmentação narrativa e à preferência pela abordagem psicológica do tempo e do espaço. Essas características costumam ser cobradas nos vestibulares.

A fragmentação narrativa é o estilo de texto literário que busca o discurso não linear. A quebra da ordem cronológica se dá pelo uso de vários recursos: resgate de memórias, divagações, mudança das perspectivas entre personagens. O discurso também pode ser fragmentado com aplicação de intertextualidade, com intervenção de uma poesia, letra de música, citação a uma obra consagrada etc.

A abordagem psicológica do tempo e do espaço diz respeito à sensação que a personagem tem a respeito do tempo (ficar em uma fila dez minutos pode parecer uma eternidade, ou seja, há o tempo real, que não muda, e o tempo que se passa na mente da personagem, que "muda" de acordo com seu estado de espírito) e do espaço (uma biblioteca repleta de livros antigos pode parecer um lugar estimulante para um historiador, mas pode ser um lugar angustiante para um jovem que só curte *memes*).

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

A PRODUÇÃO LITERÁRIA

Obras

1938

ROMANCES

Ciranda de pedra
(1954)

Verão no aquário
(1963)

As meninas
(1973)

As horas nuas
(1989)

LIVROS DE CONTOS

Porão e sobrado
(1938)

Praia viva
(1943)

O cacto vermelho
(1949)

Antes do baile verde
(1970)

Seminário dos ratos
(1977)

Mistérios
(1981)

Venha ver o pôr do sol e outros contos
(1988)

A estrutura da bolha de sabão
(1991)

A noite escura e mais eu
(1995)

Meus contos preferidos
(2004)

Meus contos esquecidos
(2005)

Histórias de mistério
(2011)

Um coração ardente
(2012)

O segredo e outras histórias de descoberta
(2012)

CRÔNICAS DE VIAGEM

Passaporte para a China
(2011)

FICÇÃO E MEMÓRIA

A disciplina do amor
(1980)

Invenção e memória
(2000)

Durante aquele estranho chá
(2002)

Conspiração de nuvens
(2007)

ROTEIRO CINEMATOGRÁFICO

Capitu (1968), escrito em parceria com Paulo Emílio Salles Gomes e inspirado no romance ***Dom Casmurro*** (1899), de Machado de Assis

2012

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

ASPECTOS GERAIS DA PRODUÇÃO LITERÁRIA

O escritor pode ser louco, mas não enlouquece seu leitor. Ao contrário: o escritor pode afastá-lo da loucura. [...] O escritor pode ser corrompido, pode ser triste, pode não prestar, mas ele sempre faz companhia a seu leitor.

TELLES, Lygia Fagundes. "Se você para de escrever, se torna infeliz". Entrevista concedida a José Castello. *O Globo*, 15 out. 2011. Caderno Prosa & Verso. p2.

Lygia Fagundes Telles é considerada uma autora pós-modernista, integrante da geração de 45. Temas universais como o amor, o medo, o remorso, a morte, a velhice e a loucura são recorrentes em sua obra.

Adepta da ficção intimista, valoriza os aspectos psicológicos de suas personagens – notadamente as femininas – ao explorar os conflitos do ser humano nos grandes centros urbanos. Assim, as complexas mulheres criadas por Lygia, ao romperem com os estereótipos tradicionais do papel feminino, abrem espaço para que o público leitor reflita e se questione acerca da condição da mulher na sociedade, reafirmando a natureza engajada de sua literatura.

É comum, ainda, o uso do **fluxo da consciência**, técnica literária que Lygia domina com maestria. O emprego de tal técnica acaba por exigir do leitor uma atenção redobrada na interpretação de seus textos, o que é muito evidente no caso da obra em análise: em *As meninas*, nota-se uma alternância no foco narrativo, uma vez que Lorena, Ana Clara e Lia contam a própria história intercalando memórias e pensamentos às suas falas e ações, em um constante fluxo de consciência.

Confira uma passagem que exemplifica o uso dessa técnica:

> Atiro-lhe o lenço cor-de-rosa que não se abriu como o verde. Por que meu coração também se fecha? Rômulo nos braços de mãezinha, procurei um lenço e não vi nenhum, seria preciso um lenço para enxugar todo aquele sangue borbulhando. Borbulhando. "Mas que foi isso, Lorena?!" Brincadeira, mãezinha, eles estavam brincando e então Remo foi buscar a espingarda, corra senão atiro, ele disse apontando. Está bem, não quero pensar nisso agora, agora quero o sol. Sento na janela e estendo as pernas para o sol. (p. 21)

Ao se "intrometer" na mente de suas personagens, Lygia expõe os seus sentimentos e angústias mais íntimos, propiciando uma sensação de intimidade entre elas e seus leitores.

Por fim, merece destaque, nas obras de Lygia Fagundes Telles, o emprego da linguagem poética e minuciosamente trabalhada, o que contribui para envolver o leitor e fazê-lo mergulhar nas narrativas.

COMO ESTUDAR

Para estudar os aspectos abordados nessa obra, consulte os seguintes conteúdos no seu material didático:

- Modernismo: a geração de 45
- Fluxo de consciência
- Foco narrativo

PARA IR ALÉM

O **fluxo de consciência** é uma técnica narrrativa em que ocorre a representação dos pensamentos conscientes (ainda que guiados pelo inconsciente) das personagens, de forma livre, aglutinada e, muitas vezes, sem lógica ou organização – exatamente como ocorre na mente humana –, o que permite ressaltar suas percepções e seus sentimentos mais profundos e verdadeiros. Trata-se de uma severa quebra da linearidade narrativa.

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

ASPECTOS GERAIS SOBRE A OBRA ANALISADA

Estrutura da obra: o caos como reflexo da realidade

O romance *As meninas* é organizado em 12 capítulos que, como já foi dito, contam a jornada de três jovens universitárias que se tornam amigas ao se mudarem para o Pensionato Nossa Senhora de Fátima, dirigido por religiosas.

Os diálogos são bastante fragmentados, sugerindo uma estrutura aparentemente confusa, caótica, o que pode ser visto como um reflexo do cenário político vigente na época em que se passa a história. Essa fragmentação do discurso decorre do uso intenso do fluxo de consciência e da alternância entre as vozes de cada uma das protagonistas, tornando a narrativa polifônica.

As personagens: um olhar atento sobre "as meninas"

> Parti da realidade para a ficção. Sei que em estado bruto as minhas meninas existem, estão por aí. Como ponto de partida tomei-as assim meio informes, sem características mais profundas, os traços ainda indefinidos: vieram como nebulosas. Tomei-as e fui trabalhando em cada uma, lenta e pacientemente, sou lenta. Afinal, tudo somando, creio que durante três anos convivi intimamente com essas três.
>
> TELLES, Lygia Fagundes. Personagens gostam da vida, como nós. *In*: TELLES, Lygia Fagundes. *As meninas*. São Paulo: MEDIAfashion, 2012. p. 313-314. (Coleção Folha. Literatura Ibero-americana).

São três as protagonistas do romance, todas muito distintas entre si. Confira:

- **Lorena Vaz Leme**: aluna da Faculdade de Direito, é recatada, sonhadora, estudiosa e pertence a uma família aristocrática, porém decadente, que se desfez a partir do episódio traumático da morte de Rômulo, seu irmão, atingido acidentalmente por um tiro desferido por Remo, o outro irmão. O pai foi internado em um sanatório e a mãe, dramática e muito focada na própria aparência física, passou a depender de constantes sessões de terapia. Assim, as lembranças de infância se alternam entre recordações felizes e trágicas.

No pensionato, Lorena ocupa um quarto reformado que pertenceu ao motorista da família que era dona do casarão, ao qual se refere como sua "concha", onde "tudo é rosa e ouro". É nesse espaço que ela tenta encontrar seu equilíbrio, fechando-se em um universo só seu, deixando

HABILIDADES DA BNCC MOBILIZADAS

(EM13LGG102), (EM13LGG202), (EM13LGG203), (EM13LGG302), (EM13LGG401), (EM13LGG604), (EM13LP01), (EM13LP02), (EM13LP48).

PARA SABER MAIS

As meninas (Brasil, 1971, Drama, dir. Emiliano Ribeiro).
O filme, inspirado na obra homônima de Lygia Fagundes Telles, conta a história de Lorena (Adriana Esteves), Lia (Drica Moraes) e Ana Clara (Cláudia Liz), três universitárias que moram em um pensionato de freiras em São Paulo, em plena ditadura militar. Apesar das diferenças sociais, as jovens tornam-se amigas, compartilhando seus sonhos, anseios e medos em meio a um período conturbado da história do país.

Lygia, uma escritora brasileira (Brasil, 2017).
Por meio de depoimentos de profissionais, amigos e familiares, esse documentário revela a trajetória pessoal e profissional dessa grande escritora brasileira.

A literatura de Lygia Fagundes Telles – uma homenagem.
Disponível em: https://youtu.be/gj3AOlailgo.
Com a participação da própria autora, além dos escritores Fabricio Carpinejar e Marcelino Freire, mediada por Flávio Carneiro, essa mesa-redonda organizada pelo canal Itaú Cultural busca definir o que torna um trabalho de fato literário.

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

claro que, apesar de tentar se isolar na segurança de seu quarto, está ciente da situação política política que se descortina no mundo real.

Virgem, Lorena nutre um amor impossível por um homem mais velho, a quem chama de M.N. – um médico casado e com cinco filhos – o que a deixa insegura e desiludida com sua vida sentimental.

Lorena tem uma relação especial com a música. Culta, estuda latim, lê bastante e, apesar da aparente infantilidade, lida bem com situações complicadas.

> Antes de M.N. eu achava que não podia viver sem música, mas agora sei que não posso viver sem ele. Morreria com música, as horas, os dias, os meses e o disco aí girando para todo o sempre lá lá lá lá lá lá... Um dia descobririam um esqueleto mais franzino do que os esqueletos em geral, metido numa bata tão tênue que a brisa num sopro desfaz. E o toca-disco soterrado sob a poeira, a música já sem disco e sem agulha girando na barriguinha de um camundongo, li li li li... O telefone? Ai meu Pai, o telefone. (p. 80)

- **Lia de Melo Schultz**: estudante de Ciências Sociais, Lia (ou Lião, como é chamada por Lorena) veste-se mal, é desengonçada, não cuida da aparência e vive de alpargatas. É filha de Diú, uma baiana superprotetora, e de Herr Paul, um alemão, ex-militar nazista que foge de seu país quando se dá conta do real sentido do nazismo.

Na faculdade, envolve-se com um grupo de militantes contra a ditadura, revelando um forte engajamento político. Nesse período, conhece Miguel, com quem passa a namorar. Lia sonha com uma grande revolução e, por questões de proteção, atende pelo codinome Rosa, referindo-se a Rosa Luxemburgo (1871-1919), filósofa e economista marxista polonesa-alemã, conhecida pela militância revolucionária ligada a partidos socialistas da Polônia e da Alemanha.

Sem recursos financeiros, Lia é prestativa e vive em função de angariar dinheiro e roupas para os militantes e tece discursos contundentes contra a alienação da burguesia e a falta de recursos no Nordeste, região em que cresceu.

> E estamos morrendo. Dessa ou de outra maneira não estamos morrendo? Nunca o povo esteve tão longe de nós, não quer nem saber. E se souber ainda fica com raiva, o povo tem medo, ah! como o povo tem medo. A burguesia aí toda esplendorosa. Nunca os ricos foram tão ricos, podem fazer as casas com as maçanetas de ouro, não só os talheres mas as maçanetas das portas. As torneiras dos banheiros. Tudo de puro ouro como o gângster grego ensinou na sua ilha. Intactos. Assistindo da janela e achando graça. Resta a massa dos delinquentes urbanos. (p. 19)

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

Inteligente, decidida e bem resolvida, a jovem sente-se amparada pela família e por Lorena, que se dispõem a ajudá-la a ir para a Argélia, para onde Miguel, que acabou se tornando um preso político, será levado. Apesar de não contar com Miguel a seu lado, Lia se sente mais forte do que ele e espera poder ampará-lo.

- **Ana Clara Conceição**: pobre e fragilizada, é a personagem mais complexa e problemática da trama. A jovem iniciou os estudos em Psicologia, mas acabou por abandonar a faculdade. Misteriosa e agressiva, é chamada de Ana Turva pelas amigas.

Ana Clara carrega apenas o sobrenome materno, ao contrário de suas amigas. Seu pai é desconhecido e sua mãe, prostituta, foi induzida por um companheiro a se matar, ingerindo formicida. Para agravar ainda mais a situação, ela fora assediada sexualmente na infância por um dentista – que também abusou de sua mãe –, a quem chama de Dr. Algodãozinho. Mais uma vez explorando a força da fragmentação narrativa, o leitor é conduzido às memórias da menina:

> — Ele vivia trocando o algodão dos buracos dos dentes, passava semana, mês, ano e ele vinha com aquele algodãozinho na pinça, ficou sendo o Doutor Algodãozinho.
>
> [...]
>
> Mudava o algodãozinho enquanto o buraco ia aumentando. Aumentando. Cresci naquela cadeira com os dentes apodrecendo e ele esperando apodrecer bastante e eu crescer mais pra então fazer a ponte. Uma ponte pra mãe e outra pra filha. Bastardo. Sacana. As duas pontes caindo na ordem de entrada em cena. Primeiro a da mãe que se deitou com ele em primeiro lugar e depois... *Fui passando pela ponte a ponte estremeceu água tem veneno maninha quem bebeu morreu.* (p. 38)

Ruiva e exuberante, Ana Clara é ambiciosa e sonha em ser modelo, ficar rica e aparecer nas capas de revistas, porém, em uma possível tentativa de aplacar sua dor, afunda-se no mundo das drogas.

A jovem mantém um namoro com Max, o traficante que a viciou, mas se diz noiva de um homem rico, a quem se refere como "Escamoso". Para conseguir se casar com o tal noivo, pretende submeter-se a uma cirurgia plástica que lhe restitua a virgindade.

Ana Clara, no entanto, não consegue realizar seus "sonhos"; morre de overdose no quarto de Lorena que, com a ajuda de Lia, veste seu corpo inerte. A moça é, então, deixada em um banco de praça.

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

O enredo: uma trama em espiral

O romance narra a história de Lorena, Lia e Ana Clara, três jovens com formações e personalidades bastante distintas, que se encontram ao ingressarem na faculdade e se mudarem para um pensionato dirigido por freiras em geral amorosas e compreensivas, como Madre Alix.

As vozes das meninas se entrelaçam ao exporem seus anseios juvenis, criando uma trama complexa e de grande impacto emocional.

Os eventos que constituem a trama são poucos, mas abordados com extrema profundidade psicológica: a paixão mal resolvida de Lorena por M.N. e a tragédia envolvendo seu irmão caçula; os planos de viagem de Lia e Miguel para a Argélia; os delírios e vícios de Ana Clara até sua morte impactante. A cada capítulo alguns desses eventos são retomados e acrescidos de mais detalhes ou informações, tudo resgatado do campo da memória, imprimindo um caráter espiral à narrativa, que quase sempre busca captar tanto a ação quanto o pensamento no momento exato em que eles ocorrem e, por isso, a carga dramática é tão elevada.

A seguir, um breve resumo de cada capítulo.

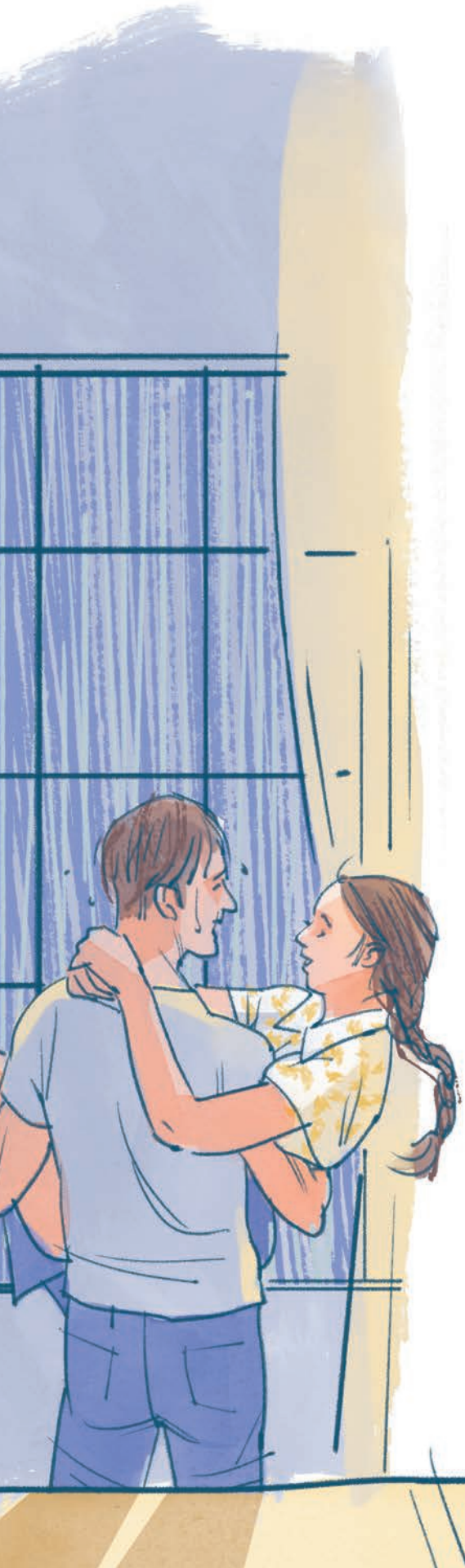
Capítulo um

A narrativa começa com a apresentação de Lorena e a descrição de seu quarto, no pensionato católico em que as meninas moram. Lorena não consegue parar de pensar em M.N., um médico casado e pai de cinco filhos por quem se sente completamente apaixonada. Ainda que se mantenha virgem, são longas as passagens em que Lorena pensa ou discorre sobre seus desejos eróticos.

É também no capítulo inicial que o leitor fica sabendo da morte trágica de Rômulo, irmão de Lorena que fora atingido, ainda na infância, por um tiro acidental de espingarda, deflagrado por Remo, seu outro irmão que, perturbado pela culpa, afasta-se e muda-se para o exterior, atuando na área diplomática.

Lia, militante política, aparece e pede a Lorena que lhe empreste o carro de sua mãe para usá-lo em uma ação do grupo de esquerda a que pertence. As meninas conversam sobre assuntos diversos, como a greve na faculdade, o cenário político conturbado e a alienação da burguesia. Miguel, namorado de Lia que está preso por questões políticas, é citado, assim como Ana Clara, a terceira protagonista do romance.

Disponibilizado por Jardim da Babilônia



Capítulo dois

O foco do capítulo é a relação de Ana Clara e Max, o namorado traficante. O casal delira na cama, após se drogarem. Ana Clara revela-se fria em relação ao sexo, ao contrário de Max, que a deseja e diz amá-la.

A moça relata o abuso sofrido na infância praticado pelo Dr. Algodãozinho, dentista que assediou a ela e a sua mãe. As reminiscências da infância são sofridas e trazem lembranças ruins, como o cheiro fétido e os sons produzidos por ratos e baratas que infestavam o quarto simples que Ana Clara dividia com a mãe e seus múltiplos amantes. Sentimentos de ódio em relação a Deus, à carência em que foi criada e ao carinho que não teve na infância afloram.

Max, por sua vez, recorda-se da boa formação que teve antes de empobrecer e tornar-se traficante, além de lembrar-se da irmã Ducha, que roubou as joias da família e acabou internada em um sanatório.

Ao final do capítulo, Ana Clara diz a Max que está grávida; o rapaz fica excitado com a notícia e diz que quer que o filho nasça; Ana Clara rebate que precisa se casar com o noivo rico, porque quer oriehnid ("dinheiro" ao contrário).

Capítulo três

Lorena reflete sobre a violência generalizada que assola o mundo, lembra-se da morte do irmão e revela o desejo de se alienar.

A jovem também se recorda do primeiro encontro com Lia e Ana Clara e do espanto das duas em relação ao conforto de seu quarto; revela, ainda, a ponta de inveja que sentiu da beleza da Ana Clara.

Tomando um lanche no jardim, Lorena relaciona a fábula da formiga e da cigarra à história de Ana Clara, reflete sobre a omissão nas relações humanas e diz que sonha se casar com M.N. para alcançar a segurança de ter um homem a seu lado por todo o tempo.

De volta ao quarto, Lorena recorda-se de Fabrizio, um colega que, a pretexto de estudar, entrou em seu quarto em uma noite chuvosa. Poderia ter perdido a virgindade com ele naquela noite, mas foram interrompidos pela chegada repentina de Lia e, posteriormente, de Ana Clara. O leitor fica sabendo, então, que o encontro de Lorena com M.N. aconteceu após essa noite, quando ela pegou carona com o médico e, desde então, aguarda ansiosa por seu telefonema.

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

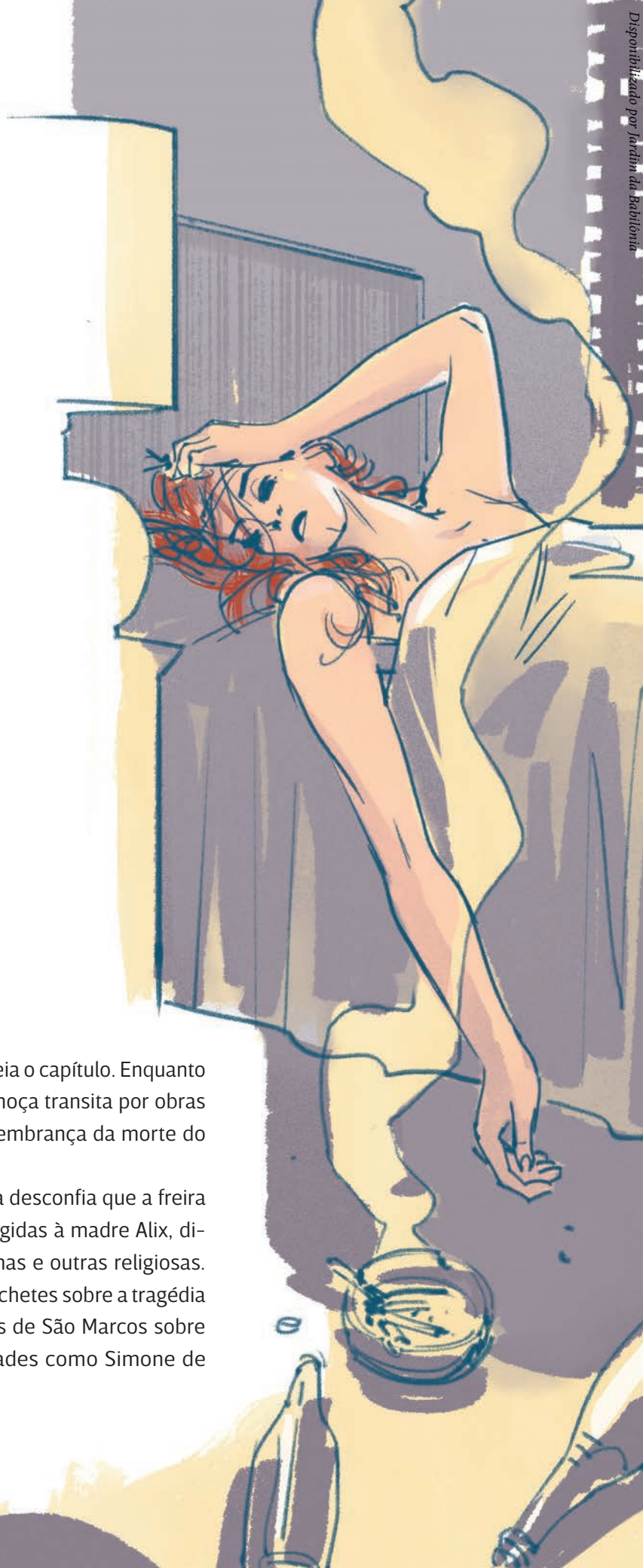
Capítulo quatro

Voltam à cena Ana Clara e Max. O casal está, mais uma vez, na cama, mas, agora, Ana Clara está momentaneamente lúcida (e não gosta da sensação), ao contrário de Max que delira ao pensar em um concerto de Mozart.

A moça ambiciosa volta a sonhar com a vida de luxo que terá quando se casar com o noivo, a quem chama de "Escamoso", e planeja viagens de cruzeiro e compras de obras de arte.

Tomada pelo rancor de ter sido confrontada por seu sobrenome simples, chega a desdenhar da origem de Lorena, descendente de um bandeirante, e faz planos para conseguir uma nova certidão de nascimento em que figure um "pai conhecido", que teria um sobrenome pomposo. As lembranças da infância pobre e da promiscuidade em que foi criada voltam à sua mente e Ana Clara volta a delirar e se lembra da amiga Adriana, feia e vesga, mas que é rica e tem uma casa na praia.

O assunto da gravidez é retomado e ela afirma querer abortar, mesmo que à revelia de Max.



Capítulo cinco

A espera de Lorena pela ligação de M.N. permeia o capítulo. Enquanto aguarda o telefone tocar, o pensamento da moça transita por obras de arte, música, literatura e aromas, mas a lembrança da morte do irmão é a que mais persiste.

Irmã Bula aparece para visitá-la, e Lorena desconfia que a freira possa estar escrevendo cartas anônimas dirigidas à madre Alix, diretora do pensionato, que difamam as meninas e outras religiosas. Em meio ao chá que é servido, pensa nas manchetes sobre a tragédia que acometeu sua família, nos ensinamentos de São Marcos sobre a necessidade de renascer, em personalidades como Simone de Beauvoir, Gonçalves Dias e Che Guevara.

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

Capítulo seis

O ponto alto do capítulo é a revelação do depoimento de um botânico, preso político, sobre a sessão de tortura que sofreu. O depoimento foi estrategicamente inserido no capítulo 6, na metade do romance. Este trecho não foi interceptado pelo censor que analisou o livro porque ele abandonou a leitura, por achá-lo chato, antes de chegar ao relato. Leia-o:

> Ali interrogaram-me durante vinte e cinco horas enquanto gritavam, Traidor da pátria, traidor! Nada me foi dado para comer ou beber durante esse tempo. Carregaram-me em seguida para a chamada capela: a câmara de torturas. Iniciou-se ali um cerimonial frequentemente repetido e que durava de três a seis horas cada sessão. Primeiro me perguntaram se eu pertencia a algum grupo político. Neguei. Enrolaram então alguns fios em redor dos meus dedos, iniciando-se a tortura elétrica: deram-me choques inicialmente fracos que foram se tornando cada vez mais fortes. Depois, obrigaram-me a tirar a roupa, fiquei nu e desprotegido. Primeiro me bateram com as mãos e em seguida com cassetetes, principalmente nas mãos. Molharam-me todo, para que os choques elétricos tivessem mais efeito. Pensei que fosse então morrer. Mas resisti e resisti também às surras que me abriram um talho fundo em meu cotovelo. Na ferida o sargento Simões e o cabo Passos enfiaram um fio. Obrigaram-me então a aplicar choques em mim mesmo e em meus amigos. Para que eu não gritasse enfiaram um sapato dentro da minha boca. Outras vezes, panos fétidos. Após algumas horas, a cerimônia atingiu seu ápice. Penduraram-me no pau-de-arara: amarraram minhas mãos diante dos joelhos, atrás dos quais enfiaram uma vara, cujas pontas eram colocadas em mesas. Fiquei pairando no ar. Enfiaram-me então um fio no reto e fixaram outros fios na boca, nas orelhas e mãos. Nos dias seguintes o processo se repetiu com maior duração e violência. Os tapas que me davam eram tão fortes que julguei que tivessem me rompido os tímpanos, mal ouvia. Meus punhos estavam ralados devido às algemas, minhas mãos e partes genitais completamente enegrecidas devido às queimaduras elétricas. (p. 148-149)

É Lia (referenciada no capítulo pelo codinome Rosa) quem lê o depoimento à madre Alix, após voltar de um encontro com Pedro para separar material para uma publicação que pretendem fazer. Durante o encontro, os jovens conversam sobre o engajamento político-social, sobre o papel da Igreja naquele momento de caos, sobre bissexualidade, sobre líderes como Che Guevara e Martin Luther King, sobre o nazismo, entre outros assuntos.

É também nesse momento que Lia fica sabendo da possível deportação de Miguel para a Argélia, fato que a deixa esperançosa e feliz.

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

Capítulo sete

Lorena recebe a visita de Irmã Clotilde, que lhe leva frutas. Elas conversam sobre religião, beleza e filosofia e há uma insinuação de que a religiosa é homossexual.

Lorena continua à espera de um telefonema de M.N. e, remexendo em seus livros, encontra uma carta que lhe escreveu, mas nunca enviou.

Irmã Clotilde parte quando Lia chega. A jovem comenta com Lorena, de forma superficial, sobre os planos de viagem. Em seguida, Lia simula uma entrevista com Lorena e, mais uma vez, M.N. torna-se o tema da conversa.

A conversa segue e elas passam a falar sobre o futuro da Igreja e a possibilidade de os padres se casarem e sobre a atuação de alguns deles na luta política.

Lorena conta a Lia sobre a gravidez de Ana Clara; as meninas se preocupam com seu estado, dada sua dependência de drogas.

Por fim, Lia conta detalhes de sua primeira experiência sexual à Lorena; os pensamentos da jovem se voltam para M.N. outra vez e ela imagina como será sua primeira noite de amor com o médico.

Capítulo oito

Deitada na cama com Max, Ana Clara delira e fala da mãe e do analista, doutor Hachibe. Em seguida, passam a falar de Lorena com desdém. Tecem comentários a respeito dos aristocratas e de seus seculares álbuns de retratos, comidos por traças.

Ana Clara sai e deixa Max dormindo no quarto. Chove e Ana Clara pega carona com um desconhecido que passa em uma Mercedes preta e percebe que ela está alterada. Ela se faz passar por Lorena e inventa uma história que acabara de receber a notícia de que seu pai havia sofrido um enfarte e que precisava seguir até determinado endereço.

Ana Clara desvencilha-se do homem que lhe deu carona e segue para um bar, onde encontra um velho boêmio que, em certo momento, ela cogita ser seu desconhecido pai. O senhor a leva até seu apartamento, decorado com retratos de família e outras imagens nas paredes, oferece-lhe uísque e coloca um disco de tango para tocar. Ana adormece enquanto ele lê em voz alta e a observa, em meio a pensamentos eróticos.

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

Capítulo nove

Lorena reflete sobre questões filosóficas, como o "ser" e o "estar" no mundo, sobre a desintegração humana nos centros urbanos, sobre o papel de profissionais como médicos e advogados.

A seguir, devaneia sobre sua primeira noite de amor com M.N. Mergulhada na banheira, a menina continua a pensar no médico e relembra o primeiro encontro entre os dois e se comove ao imaginar como será a reação da mãe ao saber que ela está envolvida com M.N.

Ao sair do banho, recebe a visita de Guga, um amigo que, cansado de fazer as coisas por obrigação, abandonou a escola e passou a viver em porão, junto de outras pessoas, em comunidade, em busca da real felicidade.

Guga tenta beijar Lorena, que se esquiva e diz estar apaixonada por um homem casado. Lorena, então, lê para o amigo trechos de uma carta escrita por M.N., em que ele deixa claro que não quer levar o relacionamento dos dois adiante.

Guga parte e Lia chega. Em conversa com a amiga, Lia tenta provar a Lorena que M.N. está mais para seu pai do que para seu namorado.

Lia dá mais detalhes a Lorena sobre a viagem à Argélia, aonde vai para se encontrar com o namorado. Lorena entrega à amiga um cheque em branco para cobrir as despesas com a viagem.

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

Capítulo dez

Lia reflete sobre o que será abandonado quando partir para a Argélia. Pensa também em seu futuro com Miguel e chega a listar nomes que dará aos filhos que porventura tiver.

A menina encontra Lorena e pega carona com o motorista da família até a casa da mãe da amiga, que lhe havia prometido umas roupas para doação. No caminho, Lia conversa com o homem e faz perguntas sobre a sua família, engatando uma conversa sobre liberdade e emancipação feminina.

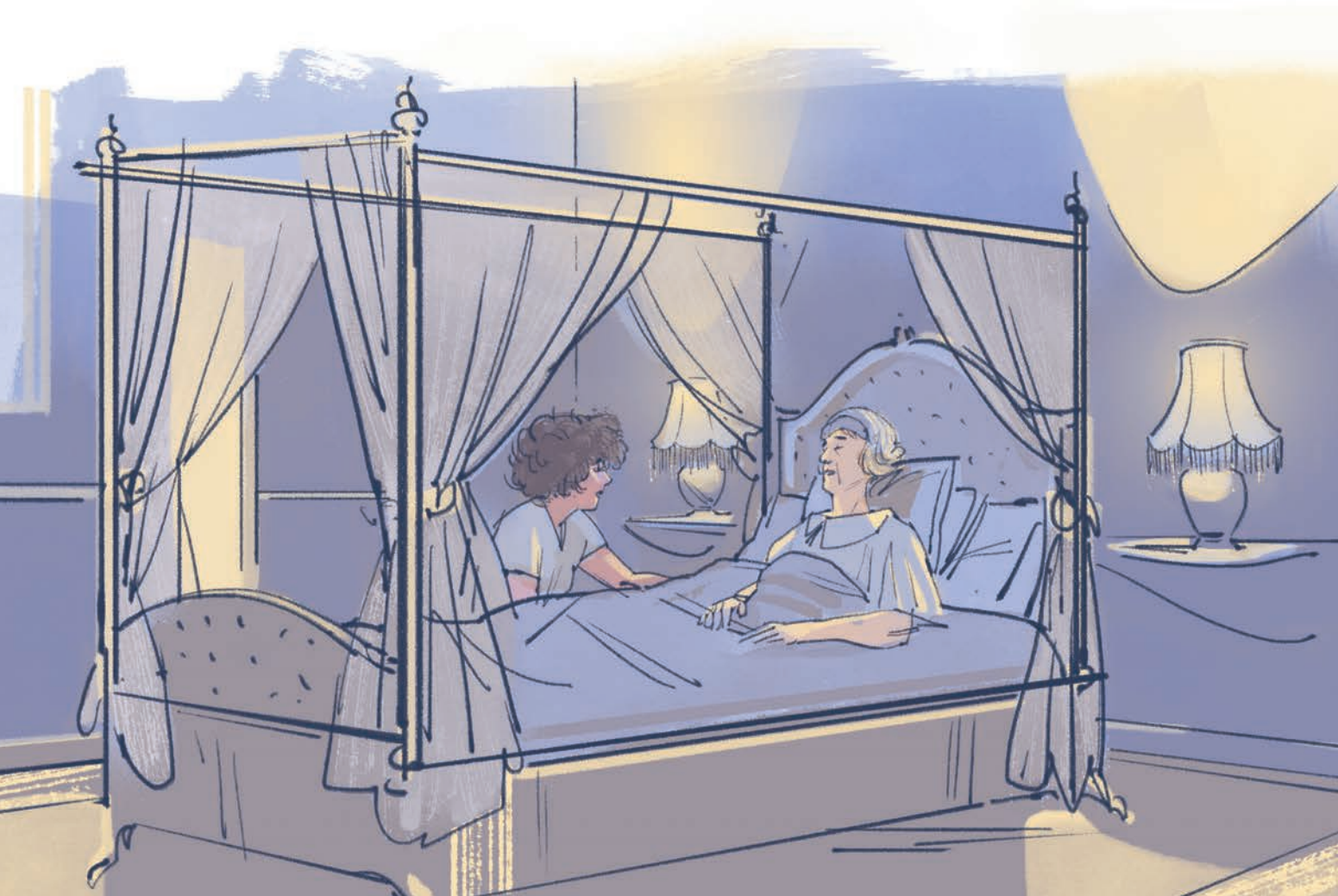
Ao chegar ao destino, divaga ao examinar a decoração luxuosa e se imagina na Argélia, escrevendo em seu diário.

Finalmente Lia é recebida pela mãe de Lorena, que está em prantos e se sente perdida com a morte do analista, que cuidara dela por sete anos e por quem, aparentemente, nutria uma paixão secreta.

A mãe desabafa com Lia, fala sobre a finitude da vida e reclama de Mieux, seu segundo marido – muito mais novo – a quem não consegue acompanhar nas noitadas e inúmeros eventos sociais; fala também das traições que tem que aturar. Diante das lamúrias da mulher, Lia recorda, com carinho, de sua própria família, tão diferente da de Lorena.

A mãe de Lorena indaga Lia sobre seus relacionamentos e os da filha e passa a falar dos planos que tem para o próprio enterro e da vontade de que a filha volte a morar com ela.

Por fim, conta uma versão da morte de Rômulo diferente daquela contada por Lorena: segundo a mãe, Lorena nem chegou a conhecer o irmão, que morrera ainda bebê vítima de um problema no coração. Muito imaginativa, Lorena, quando criança, inventara a história da tragédia. Lia fica chocada com a discrepância entre os fatos narrados por uma e por outra, mas conclui que a mãe possa ter criado uma versão diferente para a história, como forma de autoproteção. Ainda assim, cogita ver o álbum de retratos de Lorena, para entender o que realmente se passou.



Disponibilizado por Jardim da Babilônia

Capítulo onze

A greve da faculdade termina, e Lorena está estudando para uma prova quando Ana Clara chega. Já é tarde e a moça está tendo alucinações, está muito suja, com marcas roxas pelo corpo e com uma forte dor no peito.

Lorena prepara um banho e coloca Ana Clara na banheira e começa a lhe dar um banho. A moça delira.

Algum tempo após o banho, Ana Clara adormece e Lorena se perde em seus pensamentos.

Lia chega ao pensionato para arrumar suas malas para a viagem à Argélia, que acontecerá no dia seguinte, e Lorena vai até seu quarto. As meninas engatam uma longa conversa e Lia aconselha a amiga a parar de pensar em M.N. e dar uma chance a Guga, que virá a seu encontro.

Lorena retorna a seu quarto e encontra Ana Clara morta.

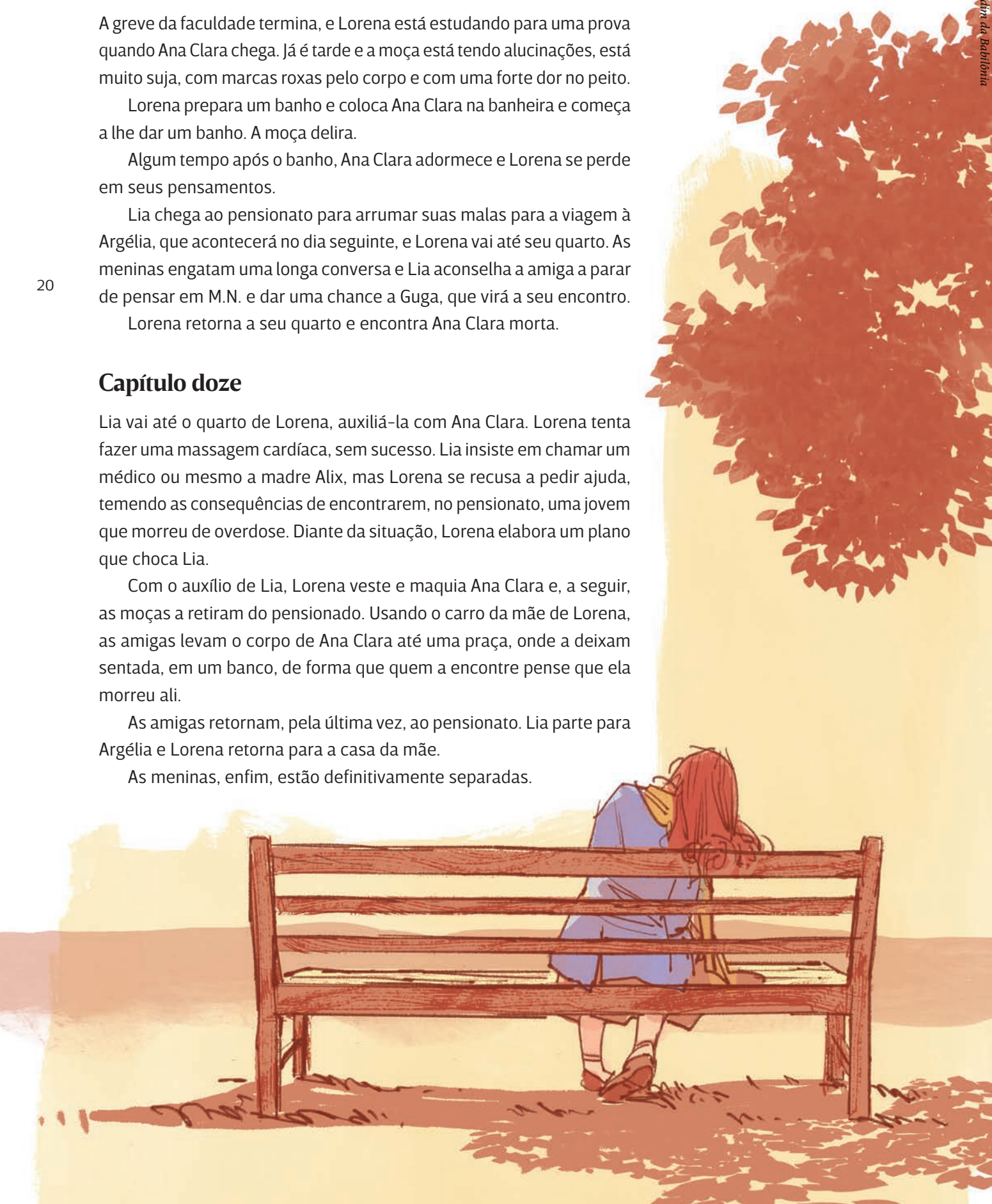
Capítulo doze

Lia vai até o quarto de Lorena, auxiliá-la com Ana Clara. Lorena tenta fazer uma massagem cardíaca, sem sucesso. Lia insiste em chamar um médico ou mesmo a madre Alix, mas Lorena se recusa a pedir ajuda, temendo as consequências de encontrarem, no pensionato, uma jovem que morreu de overdose. Diante da situação, Lorena elabora um plano que choca Lia.

Com o auxílio de Lia, Lorena veste e maquia Ana Clara e, a seguir, as moças a retiram do pensionado. Usando o carro da mãe de Lorena, as amigas levam o corpo de Ana Clara até uma praça, onde a deixam sentada, em um banco, de forma que quem a encontre pense que ela morreu ali.

As amigas retornam, pela última vez, ao pensionato. Lia parte para Argélia e Lorena retorna para a casa da mãe.

As meninas, enfim, estão definitivamente separadas.



Disponibilizado por Jardim da Babilônia

O espaço

A história se passa na cidade de São Paulo, onde fica o pensionato que abriga as meninas. A maior parte da trama ocorre no quarto que Lorena ocupa nesse pensionato, onde recebe a visita das amigas Lia e Ana Clara.

O cômodo, chamado de "concha" por Lorena (que vê o espaço como uma espécie de refúgio) funciona como um contraponto ao ambiente caótico e assustador que existe fora dos muros do casarão em que vive.

O tempo

A trama segue um tempo cronológico curto: tudo se passa durante os poucos dias de greve da faculdade, em plena ditadura militar, ainda que, ao longo das páginas do livro, esse tempo pareça se estender.

A menção ao sequestro de um embaixador (Charles Burke Elbrick, embaixador estadunidense posteriormente trocado por presos políticos) situa a obra no ano de 1969.

Mais do que a abordagem cronológica, o tempo é tratado sob uma perspectiva psicológica, em que as digressões são constantes, incorporando passado e presente.

O foco narrativo

O livro rompe com a organização tradicional ao mesclar focos narrativos distintos: Lorena, Lia e Ana Clara narram a própria história ao mesmo tempo que tecem comentários pessoais em relação às amigas. Assim, cada personagem se transforma em um narrador-observador, um EU que fala.

Ao lado dessas vozes, em primeira pessoa, surge, eventualmente, um narrador onisciente, em terceira pessoa, e que, portanto, não se intromete na narrativa a ponto de romper com o olhar único e individualizado de cada uma das personagens.

Observe um exemplo, em que a voz do narrador (em 3ª pessoa) se intercala com a voz de Lorena (em 1ª pessoa):

> Está furiosa comigo, ai meu Pai. Mudou tanto, coitadinha. Quer dizer que Miguel continua preso? E aquele japonês? E Gigi? E outros, estão caindo quase todos, que loucura. E se de repente ela? Ana Clara já viu um careta meio suspeito rondando o portão, Aninha mente demais, é lógico, mas isso pode ser verdade. Sim, Pensionato Nossa Senhora de Fátima, nome acima de qualquer investigação. Mas quando aparece agora nome de padre e freira no horizonte, já ficam todos de orelha em pé.
>
> — Devolvo amanhã — diz ela dobrando o lenço.
>
> — Fique com ele, imagine. Quer levar mais um? Atiro-lhe o lenço cor-de-rosa que não se abriu como o verde. Por que meu coração também se fecha? (p. 21)

Em muitas outras passagens, a alternância de vozes é impactante e aparentemente caótica, desorganizada, evidenciando uma mudança de foco narrativo no meio de um mesmo parágrafo. Cabe, então, ao leitor, organizar os sentidos dos textos, costurando as narrativas das personagens.

DICA PARA O VESTIBULAR

Ao ler a obra *As Meninas*, aprofunde seu estudo em relação ao foco narrativo e aos diferentes tipos de narrador. Foco narrativo costuma ser cobrado nos vestibulares.

A linguagem

A linguagem empregada na obra é bastante coloquial e expressiva, adequada ao perfil de cada uma das personagens.

Dessa forma, Lorena se expressa de forma mais elaborada, inserindo, com frequência, citações em latim e espanhol e trechos de obras clássicas, nos profundos diálogos que trava com as amigas ou em suas reflexões solitárias:

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

Faço filosofia. Ser ou estar. Não, não é *ser ou não ser*, essa já existe, não confundir com a minha que acabei de inventar agora. Originalíssima. Se eu sou, não estou porque para que eu seja é preciso que eu não esteja. Mas não esteja onde? Muito boa a pergunta, não esteja onde. Fora de mim, é lógico. Para que eu seja assim inteira (essencial e essência) é preciso que não esteja em outro lugar senão em mim. Não me desintegro na natureza porque ela me toma e me devolve na íntegra: não há competição mas identificação dos elementos. Apenas isso. Na cidade me desintegro porque na cidade eu não sou, eu estou: estou competindo e como dentro das regras do jogo (milhares de regras) preciso competir bem, tenho consequentemente de estar bem para competir o melhor possível. Para competir o melhor possível acabo sacrificando o ser (próprio ou alheio, o que vem a dar no mesmo). Ora, se sacrifico o ser para apenas estar, acabo me desintegrando (essencial e essência) até a pulverização total. Vaidade das vaidades. Apenas vaidade.

[...]

Por que M.N. não me telefone ao menos para dizer... Não sou bonita, ponto pacífico. Mas meu Q.I. não é muito acima do normal? E tenho algum charme. Meio velado, é certo, mas se *procurares encontrarás o ouro escondido na terra. L'or caché*. (p. 191-192)

Já Lia tem um discurso engajado militante e politicamente correto:

"Qual deles, Lena. Tantos estão incomunicáveis. Uma crise infernal. Precisamos de dinheiro, de gente, de tudo. Fico feito doida com os montes de coisas urgentíssimas que devem ser providenciadas. Mas fazer o que sem oriehnid. O quê. Ainda assim pensa que perco a fé? Pensa? O programa da revolução está inteiro estruturado, resta ligar o pequeno motor que somos nós com o motor principal." Levantou-se com cara de comício e andando de um lado para outro discursou sobre a dificuldade do operariado em se organizar, a maior parte habituada à servidão, à miséria, herança transmitida por gerações de conformismo. "O medo, Lena. Medo de assumir, um cagaço de fazer chorar. Temos um bom grupo pra o que der e vier, o problema é com os mais velhos, os intelectuais. Salva-se uma meia dúzia. Assinam os manifestozinhos, fazem suas reuniões secretas, o sorriso secreto da Gioconda, o copinho na mão. E daí?". (p. 118)

Ana Clara, por sua vez, faz refletir, em suas falas, seu pensamento desconexo, caótico, desordenado.

— Num penico vivi eu. Só atormentação, só monstro. Cansei. Pra que mais? Agora quero dourados, anjos, coisas ricas. Pinturas bem quadradas, isto é o que eu quero, que abstracionismo já tive. Na realidade a miséria é abstrata. No auge ela é abstrata. Sabe aquele abstrato no estômago? Quero uma casa quadrada. Flores quadradas, quero rosas, tenho ódio de flor excêntrica, aquelas que. A cara no lugar. Ora, Van Gogh. A paixão de Lorena é Van Gogh e aquele outro louco. Nhem-nhem nhem-nhem. Pinta flores de carne, sabe o que é carne? Sangram. Carne lixada, o sangue poreja, Confessa, confessa! ele dizia afundando o pincel. Lião contou que o piolhento foi lixado assim. Se me convidassem para entrar nesse grupo quando era menina você sabe que eu entrava? (p. 82)

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

Aspectos Interdisciplinares

> Esse livro é o testemunho dos anos de chumbo. O escritor é testemunha da sua sociedade, do seu tempo.
>
> STYCER, Maurício. *Lygia e as meninas*. São Paulo: Carta Capital, 14 maio 2003.

Lygia Fagundes Telles afirmou, certa vez, que a função do escritor é "ser testemunha do seu tempo e da sua sociedade" (TEZZA, Cristóvão. *As meninas*: os impasses da memória. *In*: TELLES, Lygia F. *As meninas*. 2009. p. 245). Assim sendo, pode-se dizer que a escritora cumpriu seu papel, ao traçar um panorama do início da década de 1970.

É importante lembrar que na época de publicação do romance em análise, o país atravessava um período de ditatura que havia se iniciado com o golpe militar de 1964 – que depôs o presidente João Goulart – e reafirmado com a emissão do Ato Institucional nº 5 (conhecido como AI-5) em 1968, pelo então presidente Artur da Costa e Silva. Politicamente, isso representava uma sinistra ameça à liberdade, que culminou com a perseguição, tortura e exílio de grandes personalidades políticas e culturais do Brasil que se posicionaram contra o regime militar.

Em relação ao cenário internacional, o Brasil alinhava-se à "caça aos comunistas", que escalava em consequência do período de Guera Fria que o mundo atravessava.

Contudo, a repressão presente nos anos de chumbo fez surgir um terreno fértil para a cultura com a produção de peças teatrais e o lançamento de obras literárias que documentaram o cenário político e social da época.

No caso específico do romance *As Meninas,* há claras referências à ditadura militar, não só no relato dos fatos, mas também na estruturação do discurso das protagonistas, que se apresenta, muitas vezes, de forma desconexa e truncada, refletindo a época caótica da história política brasileira.

Ainda em relação à obra de Lygia Fagundes Telles, ganha destaque a inserção do depoimento de um preso político, relatando a sessão de tortura a que foi submetido.

De acordo com a autora, durante a produção do livro, chegou às mãos de seu marido Paulo Emílio Salles Gomes um panfleto denunciando os horrores da tortura durante o Regime Militar. Corajosamente, ela inseriu o depoimento no capítulo seis, exatamente na metade da obra. Ocorre que todas as obras deveriam, necessariamente, passar pelo crivo dos censores, que poderiam liberar o material para publicação ou censurá-lo em parte ou no todo.

No caso de *As Meninas*, conta-se que o censor, sem compreender os constantes fluxos de consciência das personagens, entediado com as primeiras páginas, considerou o romance muito chato e abandonou a leitura ainda no início e, assim, o relato de tortura passou despercebido.

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

QUESTÕES

1. **UFN-RS 2015** Sobre a obra de Lygia Fagundes Telles, assinale a alternativa incorreta.

A) Lygia Fagundes Telles aprimorou a técnica de composição em narrativas curtas, trazendo uma preocupação nitidamente psicológica na criação de seus contos.

B) Ao expor de forma incisiva as fraquezas humanas, explora os estados de angústia em que suas personagens se encontram, experimentando uma imensa solidão.

C) O tema da relação amorosa entre o homem e a mulher destaca-se na maioria de seus contos.

D) O espaço urbano, em sua variada galeria de tipos sociais, forneceu a Lygia Fagundes Telles matéria prima para a construção de suas narrativas.

E) Os contos da escritora trazem, quase sempre, o homem no centro das narrativas, abordando as diversas facetas que compõem o interior masculino.

Instrução: As questões 2 e 3 referem-se à obra *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles.

2. **UFRS 2019** No bloco superior abaixo, estão listadas personagens do romance; no inferior, características dessas personagens. Associe adequadamente o bloco inferior ao superior.

1. Lorena Vaz Leme

2. Lia de Melo Schultz

3. Ana Clara Conceição

( ) É modelo, viciada em drogas, e divide-se entre o noivo rico e o amante traficante.

( ) Envolve-se na militância política contra a ditadura e presencia a prisão de seu namorado.

( ) É culta, vive trancada em seu quarto-concha, possui um passado trágico, relacionado à morte do irmão e à loucura do pai.

( ) É filha de mãe baiana, vai para São Paulo estudar Ciências Sociais, fugindo do passado sombrio do pai, um ex-militar nazista.

A sequência correta, de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

A) 3 - 2 - 1 - 3.

B) 2 - 3 - 3 - 2.

C) 2 - 3 - 3 - 1.

D) 1 - 2 - 1 - 2.

E) 3 - 2 - 1 - 2.

3. **UFRS 2019** Leia o fragmento a seguir da obra, em que a personagem Lia conversa com o motorista de Lorena.

— A filha também lhe dá alegria? Ele demora na resposta. Vejo sua boca entortar. — Essa moda que vocês têm, essa de liberdade. Cismou de andar solta demais e não topo isso. Agora inventou de estudar de novo. Entrou num curso de madureza.

— E isso não é bom? — Só sei que antes de fechar os olhos quero ver a garota casada, e só o que peço a Deus. Ver ela casada.

— Garantida, o senhor quer dizer. Mas ela pode estudar, ter uma profissão e casar também, não e mais garantido assim? Se casar errado, fica desempregada. Mais velha, com filhos, entende [...].

— A Loreninha também fala assim, mas vocês são de família rica, podem ter esses luxos. Minha filha é moça pobre e lugar de moça pobre é em casa, com o marido, com os filhos. Estudar só serve pra atrapalhar a cabeça dela quando estiver lavando roupa no tanque.

Considere as afirmações a seguir, a respeito da situação da mulher, tema ilustrado no fragmento acima e presente em outros momentos do romance.

I O discurso do motorista é exemplo de postura patriarcalista, que desaprova a liberdade da

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

mulher, especialmente se ela for de classe baixa, pois a maior aspiração que ela pode ter na vida é o casamento.

II A sexualidade feminina não é tema tratado no romance, aparecendo apenas de modo difuso, a fim de escapar da censura vigente a época de sua publicação, em 1973.

III As ideias de Lia mostram sua postura libertária em relação ao papel da mulher na sociedade, contrariando as visões estereotipadas que a reduzem a um ser passivo e dependente dos homens.

Quais estão corretas?

A) Apenas I.
B) Apenas II.
C) Apenas I e III.
D) Apenas II e III.
E) I, II e III.

4. **UPF-RS 2018** O romance *As meninas*, publicado por Lygia Fagundes Telles na década de _____, coloca no centro da narrativa três universitárias que moram em um pensionato na cidade de _____, durante _____ vigente no país, período ao qual remete diretamente a atuação política de _____ e de seu namorado.

Assinale a alternativa cujas informações preenchem corretamente as lacunas do enunciado.

A) setenta / São Paulo / a ditadura militar / Lia.
B) setenta / São Paulo / a ditadura militar / Lorena.
C) setenta / Belo Horizonte / a ditadura militar / Lorena.
D) oitenta / São Paulo / o processo de redemocratização / Lia.
E) oitenta / Belo Horizonte / o processo de redemocratização / Ana Clara

5. **UPF-RS 2019** Sobre *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles, apenas é correto afirmar que

A) a história é narrada unicamente por um narrador onisciente e tem como uma de suas cenas finais a morte de Lia.
B) a história é narrada ora sob o ponto de vista de Lorena, ora sob a perspectiva de Lia, e o romance tem como uma de suas cenas finais a morte de Ana Clara.
C) o romance apresenta diferentes focos narrativos e tem como uma de suas cenas finais a morte de Lia.
D) o romance apresenta diferentes focos narrativos e tem como uma de suas cenas finais a morte de Ana Clara.
E) a história é narrada unicamente por Lorena, e o romance tem como uma de suas cenas finais a morte de Ana Clara.

6. **UPF-RS 2019** Considere as afirmações a seguir em relação à obra *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles.

I A narração, condicionada ao fluxo de consciência das protagonistas, apresenta suas ações no presente, alternando-as ou misturando-as com suas lembranças do passado.

II Ana Clara mostra seus traumas ao longo da narrativa, enquanto relembra, por meio de um discurso truncado, os abusos sofridos e as dificuldades pelas quais passou.

III Lorena frequentemente rememora a infância feliz vivida na fazenda de seus pais, mas não esquece o drama da morte acidental de seu irmão Rômulo.

Está correto o que se afirma em:

A) I, II e III.
B) I e III, apenas.
C) II e III, apenas.
D) I e II, apenas.
E) I, apenas.

7. **UTFPR 2019** Você está triste, Coelha? Fica contente, amor, fica contente. Eu queria tanto que as pessoas todas fossem mais contentes, é tão bom ficar contente. A gente vê na rua todo mundo tão triste, por que as pessoas estão tristes? Ahn?

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

Queria tanto sair por aí alegrando as pessoas, olha, não fique triste, segura minha mão e vem comigo que te mostro o jardim da alegria com Deus lá dentro, vem...

Lygia Fagundes Telles. *As meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

A comunicação está associada à linguagem e à interação, de forma que representa a transmissão de mensagens entre um emissor e um receptor. No excerto de Lygia Fagundes Telles, o receptor/interlocutor do texto é (são):

A) As pessoas
B) O leito
C) Deus
D) A gente
E) A Coelha

8. **UEPG-PR 2018** A respeito do romance *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles, assinale o que for correto.

01) A narrativa é toda feita através da voz de Lorena, a mais rica e mais culta das três "meninas" que tinham convivido num pensionato de freiras, na cidade de São Paulo, na época da ditatura, anos 1960-1970. Por meio da técnica do *flashback*, ela vai relembrando personagens, fatos e conversas, e assim tece um panorama bastante realista desse conturbado período.

02) A história se passa na cidade de São Paulo. O pano de fundo é o conturbado período da ditadura, final dos anos de 1960, começo dos anos de 1970. Através das diferentes ideologias e atitudes das três jovens protagonistas-narradoras, e de relatos que fazem sobre outros/outras jovens, tem-se um painel da perplexidade reinante no meio da juventude brasileira, dividida entre a opção pela luta revolucionária, de base marxista, a aceitação da sociedade burguesa-capitalista, os valores de um catolicismo em crise, o refúgio nas drogas, ou a alienação em comunidades alternativas.

04) A narração vai sendo construída por meio do entrelaçamento das vozes das três protagonistas, Lorena, Lia e Ana Clara. Relatam lembranças pessoais e familiares, falam de suas ações, expõem e problematizam seus sentimentos, valores, projetos de vida, amores. E a essas vozes se mescla a voz de um narrador de terceira pessoa, onisciente, que as vai interligando e complementando.

08) Três jovens universitárias, Lorena (Direito), Lia (Ciências Sociais) e Ana Clara (Psicologia), são as "meninas" protagonistas do romance. Ficam se conhecendo num pensionato dirigido por freiras, onde convivem. E apesar das grandes diferenças de origens, de condições sociais e ideológicas, tornam-se amigas e confidentes, compartilhando seus dramas e se ajudando nas mais diferentes situações.

16) Dentre as freiras que cuidam do pensionato, destaca-se a figura da Madre Alix que, com seu autoritarismo e falta de tato e sensibilidade para com a situação das três "meninas" protagonistas, faz do pensionato uma reprodução em miniatura da ditadura que então reinava no Brasil nos anos 1960-1970.

Soma: ☐

9. **UEPG-PR 2018** A respeito do romance *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles, assinale o que for correto.

01) Neste romance, o "o que está sendo narrado" e o "como está sendo narrado" estão profundamente conectados, já que a estética desta obra é a fragmentação do olhar individual, que se reflete nas relações entre memória e ação presente. É como se, em grande parte da narrativa, o livro aderisse aos estados de espírito das personagens, tornando-se, por exemplo, sonolenta ou alucinada se assim for o estado da personagem.

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

02) O fato de a narração de *As meninas* ser feita em parte pelas próprias personagens principais e também por um narrador externo a elas (mas que não ordena os pensamentos das moças) traz uma incompletude ao romance, uma complexidade a mais para se compreender as personagens e os fatos. Por exemplo, não se pode assegurar se o irmão de Lorena foi, de fato, morto em um acidente com arma de fogo, pois a mãe da moça apresenta outra versão, e o romance não dispõe de nenhuma narração plenamente confiável deste fato.

04) A respeito das três principais personagens, percebe-se que Lorena, mesmo sendo muito afortunada financeiramente, é tão engajada politicamente contra o Regime Militar quanto sua amiga revolucionária, Lia. Já Ana Clara representa no romance a figura depressiva, revoltada, ambiciosa e com final trágico.

08) Em um contexto histórico traumático – a Ditadura Militar –, o romance consegue trazer, de maneira objetiva, a atmosfera restritiva e violenta daqueles anos. As descrições das torturas e os relatos de censura, por exemplo, trazem de modo realista a tensão de se viver sob um regime ditatorial.

16) Quando há fluxo de consciência, a narrativa imita a linguagem e o caos de quem possui o foco narrativo, convertendo sua sintaxe, as marcas de certo discurso oral (mesmo que pensado), as repetições etc., em elementos que dão verossimilhança ao discurso. Um exemplo disso se encontra neste fluxo alucinado de Ana Clara (Cap. 4): "A estrada vermelha. Estou contente porque a estrada é vermelha. Passou um anão agora mesmo aqui no canto do meu olho mas já sumiu. A estrada é vermelha de sol. Vou indo no sol e vou contente porque faz calor e o vento. Lá longe vejo o cantor vem vindo com sua guitarra elétrica antes de ver sua cara vejo a guitarra brilhando no sol é como se tivesse um outro sol dependurado no ombro".

Soma: ☐

10. **UFRGS 2022** Considere as seguintes afirmações sobre o romance *As meninas*, de Lygia Fagundes Teles.

I Lia, estudante interna no Pensionato Nossa Senhora de Fátima, lê à Madre Alix uma cena de tortura extraída do depoimento de um militante político, preso por distribuir panfletos em uma fábrica.

II A voz narrativa em terceira pessoa articula e alterna, de maneira quase imperceptível, as falas em primeira pessoa das protagonistas Ana Clara, Lia e Lorena, que comunicam seu universo subjetivo por meio do fluxo de consciência.

III Temas como liberdade, casamento, sexo e aborto estão ausentes na representação da experiência feminina das protagonistas, tendo em vista a moral repressora da sociedade e a censura vigente no Brasil no início dos anos 1970, época da publicação do romance.

Quais estão corretas?

A) Apenas I.
B) Apenas III.
C) Apenas I e II.
D) Apenas II e III.
E) I, II e III.

11. **UFRGS 2023** No romance *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles, o caráter polifônico do jogo narrativo é garantido pela alternância bastante natural entre um narrador em terceira pessoa e as narrações em primeira pessoa das protagonistas. No primeiro bloco, estão listados os nomes do(a)s narradores(as); no segundo, fragmentos de textos proferidos por ele(a)s. Associe adequadamente os dois blocos

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

1. Ana Clara
2. Lia
3. Lorena
4. Narrador

( ) Sentei na cama. Era cedo para tomar banho. Tombei para trás, abracei o travesseiro e pensei em M.N., a melhor coisa do mundo não é beber água de coco verde e depois mijar no mar [...].

( ) Acendo um cigarro. Que me importa dormir no meio dos bêbados, das putas, o cigarro aceso no meu peito, dói sim, mas se soubesse que você está livre, dormindo na estrada [...].

( ) A gata aproximou-se da sacola que Lia deixara no meio da alameda. Cheirou o couro, desconfiada. Sentou-se meio de lado por causa da barriga. E ficou olhando para Lorena, [...].

( ) Mudava o algodãozinho enquanto o buraco ia aumentando. Aumentando. Cresci naquela cadeira com os dentes apodrecendo e ele esperando apodrecer [...]. Bastardo. Sacana.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

A) 1 – 4 – 3 – 2.
B) 2 – 4 – 1 – 3.
C) 2 – 1 – 3 – 4.
D) 3 – 2 – 1 – 4.
E) 3 – 2 – 4 – 1.

12. **Unilago-SP 2016** Sobre a chamada "Geração de 45" da Literatura Brasileira, considere as afirmativas a seguir.

I Compõem essa geração escritores como Lygia Fagundes Telles, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e Dalton Trevisan.

II Essa geração é caracterizada por uma escrita de cunho político, com pouca ou nenhuma preocupação no que diz respeito aos aspectos formais.

III Nesse período, os romances de temática urbana, que tinham feito sucesso nos anos 30, são substituídos por obras de cunho regionalista.

IV O fluxo de consciência, ou seja, a quebra radical da linearidade narrativa, é um dos aspectos marcantes dessa geração.

Assinale a alternativa correta.

A) Somente as afirmativas I e II são corretas.
B) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
C) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
D) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
E) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

13. Escreva um texto dissertativo a partir do tema a seguir:

Impactos do cenário político na vida dos jovens

GABARITO

1. **E**
2. **E**
3. **C**
4. **A**
5. **D**
6. **A**
7. **E**
8. Soma: 04 + 08 = 12
9. Soma: 01 + 02 + 16 = 19
10. **C**
11. **E**
12. **B**
13. Resposta pessoal.

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

RESOLUÇÕES

1 E

Alternativa E: incorreta. A figura feminina e sua visão de mundo ocupam o centro das narrativas de Lygia Fagundes Telles.

Alternativa A: correta. O conto foi um gênero textual muito empregado pela autora.

Alternativa B: correta. No romance *As Meninas*, por exemplo, as três protagonistas, ainda que se relacionem com certa frequência, vivem imersas em seus próprios universos.

Alternativa C: correta. No caso de *As Meninas*, o tema pode ser constatado pelas longas passagens que orbitam em torno da paixão de Lorena por M.N.

Alternativa D: correta. Em *As Meninas*, o enredo acontece em São Paulo, um grande centro urbano.

2 E

Lorena é a moça culta cuja família viveu uma tragédia familiar, Lia é a militante política, que namora um preso político, e Ana Clara é a jovem modelo que acaba morrendo de overdose.

3 C

Afirmativas I e III: corretas. O motorista de Lorena revela, de fato, uma visão patriarcalista, ao criticar o desejo que as moças têm de estudar e de conquistar a própria liberdade, como se lê em I. No trecho do diálogo transcrito, Lia afirma que a filha do motorista tem direito de "estudar, ter uma profissão e se casar", uma vez que se decidir se separar posteriormente do marido, poderá trabalhar para sustentar a si mesma e aos filhos que porventura tiver.

Afirmativa II: incorreta. Ao contrário do que se afirma, a sexualidade feminina é tratada de forma aberta no livro, que traz longas passagens que relatam os desejos de Lorena por M.N., ainda que a jovem seja virgem; a liberdade sexual de Lia, que já se relacionou com homens e mulheres; e a intensa vida sexual de Ana Clara, que aparece, com frequência, na cama com Max, o namorado traficante.

4 A

Alternativa B: incorreta. A militância política é marca de Lia, e não de Lorena.

Alternativa C: incorreta. Além de apontar Lorena como ativista política, situa a história em Belo Horizonte, em vez de São Paulo, cidade que abriga o pensionato em que as meninas moram.

Alternativa D: incorreta. A trama ocorre na década de 70, em plena ditadura militar; a referência ao sequestro de um embaixador (Charles Burke Elbrick, posteriormente trocado por presos políticos), situa a obra no ano de 1969.

Alternativa E: incorreta. Todas as opções oferecidas para o preenchimento das lacunas estão erradas.

5 D

Alternativa A: incorreta. Há alternância de foco narrativo e uma das cenas finais apresenta a morte de Ana Clara, e não de Lia.

Alternativa B: incorreta. O romance também é narrado por meio do ponto de vista de Ana Clara, a terceira protagonista; além da presença de um narrador externo, onisciente.

Alternativa C: incorreta. Apesar de pontuar a presença de focos narrativos diversos, afirma que a cena final retrata a morte de Lia, quando quem morre é Ana Clara.

Alternativa D: correta. O foco narrativo cambiante é técnica empregada por Lygia Fagundes Telles na produção da obra *As Meninas*.

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

Alternativa E: incorreta. Está errada a informação de que existe apenas um narrador em primeira pessoa, quando ocorre variação de foco narrativo.

6 A

Todas as afirmativas estão corretas.

7 E

No trecho transcrito, o emissor dirige uma pergunta diretamente à Coelha (apelido de Ana Clara, dado por Max, seu namorado traficante), receptora da mensagem. As "pessoas" mencionadas na alternativa **a** são apenas citadas na fala do emissor; o "leito" (alternativa **b**) sequer é citado; a "Deus" (alternativa **c**) também é feita apenas uma menção ao final do trecho, assim como a "a gente" (alternativa **d**).

8 Soma: 04 + 08 = 12

Afirmativa 01: incorreta. A narrativa não se dá apenas por meio da voz de Lorena; as vozes de Lia, de Ana Clara e de um narrador onisciente também se revezam.

Afirmativa 02: incorreta. Nem todas as protagonistas estão focadas nessas questões prementes de seu tempo e/ou apresentam relatos de outros jovens.

Afirmativa 16: incorreta. As freiras que dirigem o pensionato revelam muita empatia e sensibilidade para com as dificuldades e os sonhos das jovens.

9 Soma: 01 + 02 + 16 = 19

Afirmativa 04: incorreta. Lorena, apesar de ajudar e emprestar dinheiro à Lia (a militante política) não é engajada politicamente.

Afirmativa 08: incorreta. O período da Ditadura serve de pano de fundo para a trama, não sendo tratado de forma objetiva; além disso, ainda que importante e contundente, há apenas um relato de tortura inserido no meio do livro e não há relatos de censura.

10 C

Afirmativas I e II: corretas. O depoimento do preso político mencionado em I se encontra no capítulo 6 do livro; o foco narrativo intercambiante, citado em II, permeia toda a trama.

Afirmativa III: incorreta. O universo feminino é bastante explorado na trama, incluindo temas como liberdade, casamento, sexo e aborto, ao contrário do que se afirma.

11 E

O primeiro trecho traz a voz de Lorena, que divaga sobre seu amor por M.N.; o segundo é narrado por Lia, que pensa em Miguel, o namorado que está preso; no terceiro fragmento aparece o narrador onisciente, que descreve o comportamento de um gato que vive no mesmo pensionato que as meninas; por fim, no quarto trecho, temos a voz de Ana Clara, que se lembra do assédio sofrido pelo dentista, a quem chama de Dr. Algodãozinho.

12 B

Afirmativa II: incorreta. A chamada geração de 45 trouxe de volta o rigor formal, ao contrário do que afirma nessa assertiva.

Afirmativa III: incorreta. Os romances produzidos nos anos 30 tinham cunho regionalista, e a temática urbana marcou as obras da geração de 45.

13 Resposta pessoal.

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 51. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

CANDIDO, Antônio. *Iniciação à literatura brasileira*: resumo para principiantes. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

GOMES, Alessandra (Állex) Leila Borges; ALVES, Paula Rúbia Oliveira do Vale. As fronteiras entre História e Literatura em As meninas. *Interdisciplinar*, Itabaiana, ano VIII, v. 18, p. 295-302, jan./jun. 2013. Disponível em https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/download/1392/1218/3725. Acesso em: 2 abr. 2024.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. Lygia Fagundes Telles. *Instituto Moreira Salles*, [s.d]. Disponível em: https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-lygia-fagundes-telles/. Acesso em: 2 abr. 2024.

STYCER, Maurício. *Lygia e as meninas*. São Paulo: Carta Capital, 14 de maio de 2003. Acesso em: 2 abr. 2024.

TELLES, Lygia Fagundes. *As meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TELLES, Lygia Fagundes *apud* CASTELLO, José. Se você para de escrever, se torna infeliz. *O Globo*, [*S.l*], 15 out. 2011. Caderno Prosa & Verso. p. 2.

TELLES, Lygia Fagundes. Personagens gostam da vida, como nós. *In*: TELLES, Lygia Fagundes. *As meninas*. São Paulo: MEDIAfashion, 2012. (Coleção Folha. Literatura Ibero-americana).

Disponibilizado por Jardim da Babilônia

AOL

Análise de obras literárias

O estudo das obras promove a compreensão e o aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.

Para saber mais sobre esta obra, assista à videoaula no P+:

Poliedro
Sistema de Ensino